



Teologia do cinema



24 Abril 2021

A A

"**Cattorini** chega a dizer, parafraseando **Warren T. Reich**, que existe um filme no coração dos sistemas teológicos. O **filme** é o corte provisório impresso em um filme infinito, que em última análise fala do próprio cinema como 'discurso autorizado para representar a narrabilidade visível do ser'. Procedendo por analogias e interpolações, o autor avança a tese de que a [teologia do cinema](#) é uma variante na forma de imagens, movimentos, sons, da teologia narrativa", escreve **Gianluca Arnone**, em artigo publicado por **Settimana News**, 22-04-2021. A tradução é de **Luisa Rabolini**.

Eis o artigo.

Antes de estourar a **pandemia** e nos rendermos definitivamente às plataformas *vod*, um tema mais do que qualquer outro chamava a atenção dos especialistas da mídia: o avanço imparável da **inteligência artificial** nos processos criativos da indústria audiovisual. Antes da **Covid**, havia o **algoritmo**. Não se pode descartar que, passada a ameaça sanitária, o bicho-papão alfanumérico volte a se revelar no debate crítico.



Come in uno specchio

Nesse ínterim, não devemos esquecer algumas pequenas sobrevivências na área editorial que, se soubermos apreendê-las, são sinais significativos de **resiliência**. A referência é ao avanço pequeno, mas vigoroso, de uma **teologia do cinema**. Após o lançamento em novembro passado de uma densa obra assinada pelo cardeal **Gianfranco Ravasi** (*Come in uno specchio*), chega a publicação de uma **Teologia do Cinema** "não cardinalícia" publicada pela **Dehoniane de Bolonha** (p. 130, € 15).

Ambas obras seminais, portadoras de um desejo de encanto mítico pelas imagens, à descoberta de uma

tridimensionalidade espiritual. O autor desta segunda surtida editorial é **Paolo Cattorini**. Ao contrário de **Ravasi**, ele não é um teólogo e isso fica evidente. Onde o ensaio de **Ravasi** possui a clareza, a organicidade e o rigor veritativo próprios do hábito especulativo, a "teologia" de **Cattorini** pressiona os limiares, procura brechas, persegue as convergências nem sempre de forma cristalina, aceitando os desafios de uma matéria refratária a ser enjaulada dentro de um sistema.

Professor de bioética clínica, o autor prefere uma abordagem **interdisciplinar** que contamina saberes e métodos. A premissa deixa isso claro: "Teologia dos sacramentos, teologia da libertação, teologia da práxis ... O complemento de

especificação preserva a ambiguidade perene. O genitivo pode ser objetivo ou subjetivo. É o caso também da [teologia do cinema](#)".



Paolo Cattorini, *Teologia del cinema*.
Immagini rivelate, narrazioni incarnate, etica della visione,
EDB, Bologna 2020, p. 136, € 15,00.
Resenha publicada em Rivista del cinematografo,
janeiro-fevereiro de 2021, p. 78-79.

A obra tende para o lado **subjetivo**, assumindo o cinema “como figura para nomear Deus”. Mais do que circunscrever, o esclarecimento serve para dar origem a uma quantidade de hipóteses, discursos, intuições. Consequentemente, a constelação de fontes é variada, de **Platão** a [Ricoeur](#), de **Barthes** a **Freud**, de **De Martino** a [Merleau-Ponty](#). Um caminho pouco convencional, que por um lado corre o risco de confundir os novatos, por outro poderia sugerir **novas rotas interpretativas** aos amantes do assunto. Sem por isso se reduzir a um livro para especialistas.

No máximo, a gama de interesses imbricadas - religião, ética,

filosofia, medicina, psicologia, mito, narratologia - sugere um público potencialmente ampliado de interessados e implica um **tratamento introdutório** do problema (ou dos problemas). De acordo com vários níveis de proximidade. Passa-se de semelhanças rituais entre **prática cinematográfica** e **liturgia religiosa** (entrada na sala, silêncio, escuro, paralisia motora que o espectador se impõe, estranhamento da vida real), até a circulação dos mesmos arquétipos entre texto bíblico e fílmico; da questão da [teodiceia no cinema](#) ao estilo transcendental dos filmes, uma citação obrigatória da tese de **Schrader**.

O caminho que leva ao **valor taumatúrgico** do texto é mais difícil, quando **Cattorini** propõe seu próprio ponto de vista peculiar como especialista em ética biomédica para reler as profundas dimensões do **narrar por imagens** e o propósito de suas implicações **teofânicas**. Partindo da consideração de que na ética e na medicina a promoção do bem, moral por um lado, clínico por outro, reabilitou a **narração** como um veículo discursivo necessário (“A medicina

reabilitou a **narrativa** como um veículo discursivo necessário ("A medicina narrativa não é outra medicina, talvez mais humana [...]. É a mesma medicina"), o autor propõe um **paralelismo** com aquele entrelaçamento de relações entre "saúde" e "salvação" que caracterizam tanto o pensamento como o **filme teológico**.

Cattorini propõe a superação de uma abordagem lógico-científica em vista de uma **plena reabilitação do mito**, ou seja, daquelas "histórias que moldam a estrutura de valores de indivíduos e povos e imprimem uma variação das gramáticas e dos vocabulários morais. Mito e *logos* desde sempre interagiram entre si". O **poder mitopoiético** da narrativa explode no conto bíblico, em relação ao qual o filme é um fragmento que "expande, conecta, entrelaça entre si os símbolos, enquadramentos, imagens, memórias, que nos impressionam pelo seu potencial revelador".

Cattorini chega a dizer, parafraseando **Warren T. Reich**, que existe um filme no coração dos sistemas teológicos. O **filme** é o corte provisório impresso em um filme infinito, que em última análise fala do próprio cinema como "discurso autorizado para representar a narrabilidade visível do ser". Procedendo por analogias e interpolações, o autor avança a tese de que a **teologia do cinema** é uma variante na forma de imagens, movimentos, sons, da teologia narrativa.

Se por esta última Deus se revela no drama da história, confirmando o pacto que o vê como guardião da própria **alteridade** e, ao mesmo tempo, fiador do papel sinérgico de ambos os personagens, o **humano** e o **divino**, analogamente "aquele que vai ao cinema deixa-se envolver-se numa **teofania interna da história**, agindo a dádiva de quem 'faz cinema' de tal forma que o que é realmente 'visto' sempre se **projeta** para além do que havia sido intencionalmente 'dado para ver' pelo diretor".

Leia mais

- [Cinema e transcendência. Um debate. Revista IHU On-Line, Nº 412](#)
- [Um Olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski. Artigo de Joe Marçal Gonçalves dos Santos. Cadernos Teologia Pública, Nº 26](#)
- [Bergman e os "teólogos" do cinema. Artigo de Gianfranco Ravasi](#)
- [Cinema e religião: as sutis alterações causadas na teologia tradicional. Entrevista especial com Luiz Vadico](#)
- [Cinema e transcendência. Um debate](#)
- [Cinema e mística: um caminho possível ao Divino. Entrevista especial com](#)